

(Vs. Pt.)

## DOUBLE POETICS

de Joana Gomes

18 DE OUTUBRO 2019 - 17 DE JANEIRO 2020

GALERIA  
BELO-  
GALSTERER

### **PROPRIEDADE DO BRANCO**

**– entender os seus interstícios**

Joana Gomes é uma artista cujo trabalho se foca no paradigma da pintura para investigar valores conceptuais, formais e materiais. Através da sua obra ela convida o observador a explorar e a absorver a força da obra de arte, através de múltiplos elementos iconográficos, com o propósito de, para além da comunicação, o levar a uma aproximação mais profunda do que é a sua obra, desafiando-o a ver o significado, sobretudo para encontrar e assimilar o seu conteúdo mais intrínseco.

Segundo o filósofo Georges Didi-Huberman em “Ce que nous voyons, ce qui nous regarde”, o acto de ver uma imagem não é tão importante como o que torna visível o objecto observado.

Desta forma, ‘entre quem olha e quem é observado’, encontra-se um espaço físico e temporal, que permite desencadear o processo de observação crucial para a compreensão de uma obra de arte.

*Este entendimento conceptual sobre a forma de ver e tornar visível, está veementemente presente na obra de Joana Gomes. A sua prática artística advém de uma formação clássica em Belas Artes sobretudo em pintura e gravura. Muitos dos seus estímulos e inspirações revelam também um forte cunho do universo cinematográfico. Esta amálgama de domínios artísticos, no processo mental da construção da imagem, desencadeia consequentemente uma série de sistemas de comunicação com o observador – cores, formas, materiais – e influencia as metodologias utilizadas na sua obra para gerar espaços/tempos de silêncio e auto-reflexão, os quais podem estar relacionados com a teoria de Deleuze de que ‘a história no cinema acontece na transição entre a imagem-acção e imagem-tempo’. Este interlúdio existe na aplicação rigorosa da cor branca, sendo usada para criar ritmo e controlar a imagem subjacente nas suas pinturas.*

A exposição individual – Double Poetics – apresenta uma selecção de obras do seu espólio e de experiências criativas recentes, que partilham momentos distintos, promovendo diálogos entre tempos de produção artística, que concomitantemente anunciam uma nova fase na sua obra. Assim, a exposição procura criar uma dialética entre a primeira, que abre/ fecha e a segunda, que ocupa a parte central do circuito desta exposição.

A primeira, uma série de pinturas de grandes dimensões que criam paisagens de cor e matéria que transcendem a tela, é composta por imagens ambíguas de ecossistemas que geram dúvida no que concerne ao modo de as observar, quer a uma escala microscópica ou a uma certa distância.

Para mim, como mera espectadora, aceito que existem inúmeras formas de as olhar. Porém todas se correlacionam com o entendimento que cada um de nós tem do mundo e com o que nos permitimos aceitar e sentir no nosso universo sensível. Por exemplo, estas obras lembram-me algumas das extraordinárias pinturas Aborígenes contemporâneas que vi serem criadas por artistas no Northern Territory na Austrália.

A percepção do seu significado varia, podendo ser consideradas puras obras abstratas de meticuloso trabalho artístico, ou obras mais imbuídas de simbologia histórico-cultural, podendo ser categorizadas, por exemplo, como mapas aéreos detalhados do território.

Nas inúmeras conversas que eu e Joana Gomes temos vindo a partilhar ao longo dos anos, consideramos que é na infinidade de interpretações que a sua obra apresenta, quer no seu aspecto técnico quer na força das formas criadas, que ela oferece ao público uma constante descoberta de múltiplas histórias e interpretações.

A Segunda, uma série de pinturas e desenhos, onde podemos observar uma vigorosa explosão de matéria através da cor, contida pelo silêncio e ritmo formal da geometria branca que intercepta toda a obra. Linhas brancas verticais absorvem-nos para dentro da obra, e nos seus movimentos e ritmos fraccionados de cor, levam-nos a indagar sobre o papel das mesmas – se nos ocultam de ver a obra na sua totalidade ou se são uma proposta de tempo/ espaço, onde somos convidados pela artista a respirar fundo e ter tempo para compreender o próximo espectro de cor.

(Vs. Pt.)

## DOUBLE POETICS

de Joana Gomes

18 DE OUTUBRO - 17 DE JANEIRO 2019

GALERIA  
BELO-  
GALSTERER

Em ambos os momentos, os elementos visuais relacionam-se. Semelhante ao que acontece no cinema, onde um realizador é reconhecido pelo espectro de cores que aplica nos seus filmes, também na obra de Joana Gomes encontramos este pressuposto. Os seus trabalhos resultam de harmonias cromáticas de cor – verde, rosa, vermelho ou azul, rosa, amarelo – cujos equilíbrios tonais fazem ressoar o seu trabalho no mundo. A cor branca, um dos elementos eleitos na sua obra, formalmente domina na obra, tanto ao nível de elemento estrutural ou de alicerce, como de elemento pictórico que ‘soluciona’ a pintura, ao criar véus e linhas que fluem pela obra e ocultam elementos que a artista decide omitir ao espectador.

Numa das suas pinturas mais recentes – “Lente” – Joana Gomes experimenta com a forma circular quase que como uma espécie de provocação para quem a observa. Um jogar com a noção conceptual de voyeurismo e com a de uma lente microscópica que olha sobre o mundo. Como podemos encontrar no resultado estético desta obra, assemelhando-se a uma alga unicelular muito especial – a Diatomácea - um ser, que podemos encontrar tanto no oceano como e em terra, e que hoje se acredita ser responsável pela produção de cerca de 20% do oxigénio consumido anualmente no nosso planeta Terra.

Portanto, podemos compreender este corpo de trabalho artístico, como um intenso jogo panóptico de formas e cores, repleto de significados que a artista usa para exceder os limites da obra de arte e, em cada imagem criada, uma nova forma de sabedoria/ conhecimento é-nos revelado.

Numa das suas pinturas mais recentes – “Lente” – Joana Gomes experimenta com a forma circular quase que como uma espécie de provocação para quem a observa. Um jogar com a noção conceptual de voyeurismo e com a de uma lente microscópica que olha sobre o mundo. Como podemos encontrar no resultado estético desta obra, assemelhando-se a uma alga unicelular muito especial – a Diatomácea - um ser, que podemos encontrar tanto no oceano como e em terra, e que hoje se acredita ser responsável pela produção de cerca de 20% do oxigénio consumido anualmente no nosso planeta Terra.

Portanto, podemos compreender este corpo de trabalho artístico, como um intenso jogo panóptico de formas e cores, repleto de significados que a artista usa para exceder os limites da obra de arte e, em cada imagem criada, uma nova forma de sabedoria/ conhecimento é-nos revelado.

Texto de autoria de Inês Valle.

Lisboa, Outubro 2019

Nota: Inês Valle escreve segundo o antigo acordo ortográfico Português.

### Biografia resumida

Joana Gomes (1986, Portugal). Artista, trabalha no Atelier Contencioso na Fábrica Moderna, Beato, em Lisboa. Realizou a Licenciatura e o Mestrado em Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Trabalhou em museus e galerias como assistente de produção e guia de museu, nomeadamente, na Galeria Baginski e no MUDE. Estagiou no Carpe Diem – Arte e Pesquisa. Actualmente, coordena o Serviço Educativo do Museu da Carris. Paralelamente, dá formação de Desenho, Pintura e Vestuário na Odd School. Participou em publicações e ciclos de conferências, mencione-se a mais recente publicação Investigação nas Artes - Oscilação dos métodos, coord. Fernando Rosa Dias e José Quaresma, Universitas Olisiponensis e FCT. Co-fundadora do Colectivo Tempos de Vista projecto de programação cultural site specific, activo desde 2008. Expõe nacional e internacionalmente desde 2008.

(En. Vs.)

## DOUBLE POETICS

by Joana Gomes

OCTOBER 18 - JANUARY 17, 2019

GALERIA  
BELO-  
GALSTERER

### **PROPERTY OF WHITE**

#### **– Perceiving a space in between**

Joana Gomes, an artist, whose work focuses on the paradigm of painting to investigate conceptual, formal and material values. She wants the viewer to explore and absorb the strength of the artwork by its multi-lingual iconographic elements. A desire that goes beyond communication, with a deeper approach that foments a quest to view, find meaning and assimilate the object of art.

According to the philosopher Georges Didi-Huberman in “Ce que nous voyons, ce qui nous regarde”, the act of seeing an image is not as important as what is being made visible which disturbs and agitates in its subject matter. Therefore, “between the one who looks and the one who is looked at” lays time and space in-between the act of seeing, which is significant to the personal assimilation of the artwork.

This conceptual understanding of ways of seeing and making visible is perceptible in Joana’s practice. Not only does she come from a classic background of fine arts – painting and printmaking – but also deeply inspired and stimulated by the world of cinema. The amalgamation of these domains, in the thought-process of building an image, kindles a series of systems of communication with the viewer – colours, shapes, materials, ... as well as in the methodologies applied to generate spaces/times of silence and self-reflection, which could be connected with Deleuze’s theory that the story in cinema happens in the transition between image-action and image-time. This interlude for Joana is existent in the colour of white that she uses to create rhythm and control the images in her paintings.

The solo exhibition – Double Poetics – brings a selection of artworks from recent creative endeavours by the artist, sharing different moments and promoting dialogues between times of art production, but is also an announcement of a new phase in the artist’s practice. Thus, the exhibition aims to inform dialogue on two considerations. The first opens/closes the exhibition, and the second, populates the central part of the show.

The First, a series of huge paintings on canvas that share landscapes of colour and matter that flow through the canvas, creating ambiguous images of ecosystems, that we cannot really identify if we should observe them microscopically or with a certain distance from the work.

The truth reflects to the observer, as mere spectator, with limitless ways of seeing them, correlating with our understanding of the world and what we are receptive to accept and feel. For me, as an example, these paintings remind me of some of the extraordinary contemporary Aboriginal paintings made by artists in the Northern Territory of Australia. For some viewers they could see it as a pure and meticulous abstract work, as for others they could perceive it as precise aerial map of the land.

In many conversations that Joana and I have been having throughout the years, this infinitude of perceptions that her work offers, either through the technical aspect or the potent shapes she creates make for a constant discovery of new stories or interpretations in her work.

The second, a series of paintings and drawings, where we observe an explosion of matter through colours that are ruled by the silence of the formal rhythm of a white geometry encompassing the perception of the artwork. Vertical white lines conveying our eyes into the work, simultaneously creating apparent fractionated movement and rhythm that makes us dream what these lines are, blinding us to see or a discern time/space construct proposed to breath and understand what the next spectrum of colours is communicating.

In both parts, visual elements relate with each other. Akin to how cinema happens, a director is usually recognized by the spectrum of colours used in the film and the same is constant in Joana’s artworks. Her works are chromatic harmonies of colour – green, pink, reds or blues, pink, yellow – that makes her work resonate anywhere in the world. Furthermore, we see the common theme of the white colour that heavily pours in her work. A colour that formally rules the artwork, as the foundation lending a pictorial element that resolve the paintings by creating a white veil that covers what she wants to omit from the spectator.

(En. Vs.)

## DOUBLE POETICS

by Joana Gomes

OCTOBER 18 - JANUARY 17, 2019

GALERIA  
BELO-  
GALSTERER

Citing one of her last paintings, "Lens", she experiments with the round shape, a kind of provocation to the spectator where Joana plays with conceptual notion of voyeurism or a microscopic lens of the world, since the outcome resemble a special microalgae – the diatoms. A being that is both found in the ocean and land, and is believed to produce 20% of the oxygen on the entire planet each year.

Together this body of work is an intense panoptical game of shapes and colours with meanings that the artist uses to extrapolate the limits of the artwork and in every spoken image - a new type of wisdom is created.

September 2019

Inês Valle

### Short Biography

Joana Gomes (1986, Portugal). Visual Artist, works at Atelier Contencioso in Lisbon. In 2008 she finished her Fine Arts degree in Painting by FBAUL - Faculty of Fine Arts of Lisbon and in 2011 her Master's Degree also in Painting at the same institution. She worked in several museums and galleries as a production assistant, namely, at Galeria Baginski, Lisbon and at MUDE – Museum of Fashion and Design in Lisbon. From 2012 on, she collaborated as a cultural mediator with Carris Museum, and since 2017 holds the position of coordinator of the Educational Service of Museu da Carris – Tram Museum of Lisbon. She also teaches drawing and painting at Odd School – Creative Media. For several years she has participated in essays and conferences about Art Theory with international research teams financed by the Foundation for Science in Technology (FCT). She is co-founder of the Tempos de Vista Collective, a female artist group making site-specific public art work. The artist is actively exhibiting since 2008.

(Vs. PT)

## JORINDE & JORINGEL

de Daniela Krtsch

18 DE OUTUBRO 2019 - 18 DE JANEIRO 2020

GALERIA  
BELO-  
GALSTERER

### **Leveza e Profundidade**

*“A superfície pintada é uma forma real e vivida.”  
(Kazimir Malevitch)*

Daniela Krtsch apresenta “Jorinde & Joringel”, nome do conto nº 69 dos Irmãos Grimm, que não só serviu como inspiração à artista, bem como emprestou o seu título a esta nova série de trabalhos.<sup>1</sup>

Quando Daniela Krtsch pinta, ela constrói mundos imersivos que seguem determinados temas e ideias, que através do modo tradicional aditivo da pintura nos trazem um universo onírico e, por vezes, meio fantasioso: com o seu traço sensível e decidido Krtsch junta a cor na tela, e através deste acto físico permite que algo menos físico se materialize: o sonho, o conto e a história juntam-se e tornam-se realidade.

A imanência destas pinturas, permite-nos aceder à estória vivida através do prisma da artista: uma grande diversidade figurativa que se expõe sobre uma sombreadade unificadora; o preto como soma de todas as cores, reina esta série e cria uma continuidade entre as várias peças, bem como com a obra anterior da artista.

A sua vivência e prática diárias de trabalho no seu atelier, transparecem entre as pinturas dos pássaros, como figuras ora despreocupadas, ora carentes de proteção e carinho, e as imagens da floresta, umas com caminhos sedutoramente iluminados, e noutras ela encontra-se impenetrável e intransigente, quase como alusão às várias fases do próprio conto.

Entre estes trabalhos encontram-se alguns que gostaríamos de destacar pelo seu carácter especial, como p.ex. Sem título #10 (Série Jorinde & Joringel), em que vemos os contornos de um pássaro que parece deixar trespassar o azul do céu por trás da floresta escura e uma pequena figura masculina agachada imobilizada no canto inferior esquerdo: existe uma diferença na aplicação da cor, naquilo que ela tapa e no que revela: transparência e opacidade juntas, mostrando e revelando simultaneamente...

A destacar também o casinho de pássaros azul e amarelo, sentados lado a lado – e que poderá ser uma brincadeira visual alusiva à expressão alemã “Turteltäubchen” (usa-se para descrever um casal beijoqueiro), em que a artista com um traço quase abstracto nos mostra os animais e não obstante a lassidão da pincelada, a imagem fica bem clara.

Krtsch junta aqui memórias de infância da Alemanha, onde os contos de Grimm fazem parte do crescimento de qualquer criança – o livro com a compilação destes dois irmãos que, na altura do Romantismo, dedicaram-se completamente ao estudo da língua alemã e procuraram histórias e lendas antigas e medievais que juntaram numa compilação de contos, que se tornaram famosos em todo o mundo,<sup>2</sup> é parte integrante da cultura literária alemã – com o seu próprio imaginário artístico criando diálogos e narrativas suspensas.

Parece que Delfim Sardo tem razão quando escreve que “talvez seja oportuno começar por pensar que a pintura representa, para o pintor, uma possibilidade de produção artística com uma independência e liberdade que outras formas de procedimento artístico não permitem”,<sup>3</sup> uma vez que Daniela Krtsch nunca abandonou a pintura, mesmo tendo se dedicado a outros géneros da arte (como o vídeo e a fotografia), usando as imagens pintadas como um meio de partilha necessário de memórias e experiências, pessoais e colectivas, através das quais ela investiga as esferas de cruzamento entre realidade e ficção.

Outubro 2019  
Alda Galsterer

.....

<sup>1</sup> Em português mais conhecido como “Jorinda e Jorindo” que são um casal que se perde numa “floresta virgem, com um enorme e antigo castelo, no qual morava, completamente só, uma velha bruxa muito poderosa.” Jorinde, a noiva virgem é enfeitiçada e transformada pela bruxa num rouxinol engaiolada, a juntar às outras 7000 virgens já presas. Joringel, o noivo, – desesperado – não deixa de tentar libertar a sua mais amada e, como em todos os contos de fada, o bem vence sobre o mal.

<sup>2</sup> Kinder- und Hausmärchen, primeira edição foi publicada 1812 na Alemanha.

<sup>3</sup> Delfim Sardo: O Exercício Experimental da Liberdade. Dispositivos da arte no século XX. Orfeu Negro, Lisboa 2017, p. 56.

### **Biografia resumida:**

Daniela Krtsch (Alemanha, 1972) vive e trabalha em Lisboa e expõe de forma continuada, individualmente e colectivamente desde 2000.

A artista estudou pintura e gravura na Ar.Co - Centro de Arte e Comunicação Visual, Lisboa (1998-2003). Em 2005, ela recebeu o Prémio para Melhor Videoclip, Prémios Quartz em Paris, pelo vídeo Fully Connected / Microaudiowaves e em 2003 representou Portugal na Young Creatives Biennial em Atenas, Grécia. Tendo ainda recebido uma Bolsa da Caixa Geral de Depósitos em 2002.

Daniela Krtsch trabalha em pintura, fotografia e escultura para criar diálogos e narrativas suspensas, inspirada em memórias e experiências, pessoais e colectivas, através das quais ela investiga as esferas de cruzamento entre realidade e ficção.

Na sua forma de trabalhar existe uma grande abertura e vontade de experimentar novos media e formas de expressão diferentes cruzando as técnicas habituais criando resultados invulgares.

Representada em grandes colecções institucionais, como, entre outras, a Colecção Deutsche Bank, Colecção PLMJ ou Colecção Navacerrada, a artista tem uma obra prolifera e muito estimada junto dos colecionadores privados nacionais e internacionais.

(En. Vs.)

## JORINDE & JORINGEL

by Daniela Krtsch

OCTOBER 18 - JANUARY 17, 2019

GALERIA  
BELO-  
GALSTERER

### *Lightness and Depth*

*"A painted surface is a real, living form."  
(Kazimir Malevitch)*

Daniela Krtsch presents "Jorinde & Joringel", name of tale n°. 69 by the Grimm Brothers, which did not only serve as inspiration for the artist's work, but is also where she borrowed the name from.

When Daniela Krtsch paints, she builds immersive worlds that follow certain themes and ideas, using the traditional form of painting – addition of matter – presenting us with dreamlike, as well, as sometimes fantastic universes: with her sensitive yet decided brushstroke, Krtsch joins color on canvas, and through this physical act something quite less physical materializes: the dream, the tale and history come together and become a reality.

The immanence of these paintings permits the observer to access the lived story through the artist's prism: a great figurative diversity exhibits itself displayed on a unified backdrop; black as sum of all colors, reigns this series and creates a continuity between the different paintings, as well as with the artist's anterior work.

The daily life and practice in her studio, show through in these paintings with the birds, here seemingly insouciant, there suddenly needy creatures of protection and caress, as well as it does in the forest paintings, yet presented with seductively illuminated paths and glades, yet transformed into a dark and impenetrable landscape, almost as an allusion to the different stages of the fairy tale itself.

Between these works, there are some, which, because of their specific character, deserve to be spoken more concretely of, as e.g. Untitled #10 (Jorinde & Joringel series), 2019, where we see the outline of a bird, which seems to let shine through the blue sky behind the dark forest, with a small crouching male figure in the left inferior corner: there is a difference in the application of color, in what is shown and what is hidden; transparency and opacity together, simultaneously showing and revealing...

Another one is a couple of blue and yellow birds, side by side – which could be read like a visual quip on the German expression "Turteltäubchen" (used to describe a couple very in love, always exchanging kisses), in this one the artist applies an almost abstract brushstroke, and even though she applies color loosely, the image becomes clear and solid.

In this series, Krtsch combines her childhood memories from Germany, where the Grimm's Fairy Tales are part of every child growing up, with her own artistic imagination creating suspended dialogues and narratives; this book – a compilation made by two brothers during Romanticism, who dedicated themselves to the study of the German language and searched for folklores and popular fairy tales brought together in this collection, is nowadays worldwide famous, as well as it is an integral part of German (literary) culture.

It seems, Delfim Sardo was right when he wrote that "maybe it is opportune to begin to think that the practice of painting represents, for the painter, the possibility of artistic production with an independence and freedom that other art forms do not permit," since Daniela Krtsch never abandoned painting, even though she punctually has dedicated herself to other art genres (e.g. video and photography), using the painted image as a means of necessary exchange between personal and collective memories and experiences, investigating the tensions between the realms of reality and fiction.

October 2019  
Alda Galsterer

.....

1 In English better known as "Jorinda and Joringel" the story of a couple that gets lost in "a large and dense forest, [in which there] an old woman who was a witch dwelt all alone." Jorinda, the virgin bride is victim of the witch's spell, and gets transformed into a nightingale and put into a cage to rot, next to the other 7000 virgins hold by the old witch. Joringel, the groom, is in despair, but does not rest until he frees Jorinda; thus continuing the old myth that Good always wins Evil.

2 Kinder- und Hausmärchen, the first Edition of this compilation of popular fairy tales and folklores was published 1812 in Germany.

3 Delfim Sardo: O Exercício Experimental da Liberdade. Dispositivos da arte no século XX. Orfeu Negro, Lisbon 2017, p. 56.

### **Short Biography:**

Daniela Krtsch (b.1972, in Germany) lives and works in Lisbon, and has been exhibiting consistently in individual and group exhibitions since 2000. Krtsch studied painting and engraving at the Ar.Co – Centro de Arte e Comunicação Visual, Lisbon (1998-2003). In 2005 received the Prize for Best Videoclip, Quartz Awards in Paris, for Fully Connected / Microaudiowaves; 2003 represented Portugal at the Young Creatives Biennial in Athens, Greece; and in 2002 she received a grant by Caixa Geral de Depósitos. Daniela Krtsch uses painting, photography and sculpture to create dialogues and suspended narratives. Her working modus embraces a great openness and will to experiment new media and forms of different expressions crossing them with each other and thus creating new and surprising results.

Her work is represented in major collections, as e.g. in the collections of Deutsche Bank, PLMJ Foundation, and Colección Navacerrada, in between others. Her work is also very appreciated between private collectors, from all over the world.